Palcos e Télas

Director — MARIO NUNES

ANNO II | RIO DE JANEIRO, 16 DE OUTUBRO DE 1919 | NUMERO 82

DOROTHY PHILLIPS

Razões intimas que só nos cumpre acatar, afastam da gerencia desta revista o Sr. Abrahão Lincoln Teixeira Nunes, que nos vinha prestando o seu inestimavel concurso desde o apparecimento de "Palcos e Telas". E' uma perda sensivel — tão raros se tornam, cada vez mais, os homens esforçados e honestos — consolando-nos, todavia, a idéa de que se se afasta o companheiro de lutas, o amigo permanece, credor, para sempre, da nossa sincera gratidão.

Continúa a direcção de "Palcos e Telas", a cargo do Sr. Mario Nunes, que terá a auxilial-o nesse mister os Srs. Cravo Junior e Candido de Oliveira, cabendo ao primeiro, especialmente, a direcção da parte cinematographica, e ao segundo a gerencia e a administração. São duas excellentes acquisições de que esta revista se felicita.

NOSSA CAPA

DOROTHY PHILLIPS E O ESPIRITUALISMO

Os Holubar — Alan, Doroth Phillips e Marie Gwendolyn, a pequenina filha do casal — vivem em um apartment da Cahueiza Avenue em Hollywood. Gwen — Dorothy Phillips chama a filhinha Gwen de preferencia a Marie — não é actriz de cinema, nem visita o studio cousa que em compensação seus paes fazem todos os dias. Na vida professional Alan Holubar é o director de Dorothy Phillips na Universal City.

A côr predominante do salão dos Hulubar é o creme claro a que a luz electrica de roseos globos invertidos dá um tom mais suave ainda. A decoração obedece ao estylo das missões coloniaes hespanholas. As janellas da frente dão para o oeste e a casa é sufficientemente alta para offerecer um bello golpe de vista. De um lado ha os altos de Hollywood, de outro abaixo da cidade, uma colonia cinematographica.

A primeira impressão que se recebe ao ver Dorothy é de surpeza pela sua fronte muito alta que se não nota nos films porque ella penteia os cabellos muito baixo sempre. A seguir suas mãos attraem a nossa attenção. Alguem disse já que ha infinitamente maior variedade de caracteres de mãos do que de faces, sendo mesmo preferivel photographal-as do que os rostos. De facto não ha duas pessoas com mãos eguaes. Dorothy Phillips tem os dedos esquadriados nas pontas e sem nós nas juntas. A palma é proporcionalmente larga na base dos dedos o punho longo e fino. E' sua mão pequena e expressiva, parece pertencer a uma creatura que é um tempo idealista e pratica, impulsiva e pensadora.

Eram oito horas. Gwen acabava de ir deitar-se. Alan Holubar voltava ao studio onde a montagem de scenarios o chamava. "Uma estrella tem horas de descanso, disse Dorothy, um director, não, todo o tempo é pouco".

E mal o marido sahiu, Dorothy dirigindo-se a Elisabeth Peltret que a entrevistava, disse:

— Eu e meu marido estamos ambos interessados nessa onda de espiritualismo que submerge o paiz. Deve haver qualquer cousa *nisso* quando homens como Oliver Lodge, Conan Doyle e Maurice Maeterlinck o affirmam com tanta convicção. Decidimos fazer um film espiritualista. A difficuldade está em encontrar o assumpto porque queremos uma ficção que tenha visos de realidade. Nada de historias subrenaturaes bizarras, mas um facto que sendo humano possa ser apresentado como espiritualista. O momento é opportuno porque a guerra ferio os lares. Ninguem quer acreditar que a morte seja o fim de tudo, com a morte em volta, Oliver Lodge diz que seu filho Raymond morto na guerra, faz parte do circulo da familia tal como dantes.

E relata o facto descripto por Lodge em seu livro "Raymond". Poucos dias depois de Raymond morrer Lady Lodge recebeu em sessão, utilisando uma medium que lhe era estranha, uma communicação de Raymond dizendo haver sido photographado em um grupo de officiaes. Nenhum membro de familia de Raymond possuia esse grupo ou sabia de sua existencia. Um mez mais tarde Lady Lodge recebeu da mãe de um dos officiaes do regimento a que Raymond pertencera uma carta capeando a photographia de um grupo de officiaes em que Raymond se achava.

"Eu nunca vi nada de sobrenatural, mas todo o mundo fala nisso, todo o mundo o deseja portanto. Cabe á cinematographia propagar sinceramente essa verdade.

(*Continúa*)

BILLIE BURKE, relativamente pouco conhecida no Rio, voltou a trabalhar para o cinema, depois de varios mezes de ausencia, e Stuart Holmes entrou para o theatro.

COMPANHIA DRAMATICA NACIONAL

Foi, afinal, approvado em 3ª discussão pelo Conselho Municipal, o projecto que autoriza o Prefeito do Districto Federal a auxiliar a Companhia Dramatica Nacional, que, pouco valioso no terreno pratico, vale por um reconhecimento dos meritos artisticos da Companhia e da capacidade da sua direcção. E' com prazer que registramos tal noticia, satisfeitos por vermos que se coroa de exito uma das campanhas desta revista.

O projecto é do seguinte teôr:

O Conselho Municipal resolve::

Art. 1.° — Fica o Prefeito autorizado a auxiliar a Companhia Dramatica Nacional cedendo-lhe gratuitamente, para espectaculos e ensaios, o Theatro Municipal, correndo por conta da Municipalidade a limpeza e a illuminação do mesmo Theatro.

Paragrapho unico. A mesma Companhia occupará o Theatro Municipal duas temporadas por anno, somente nas epocas em que o mesmo Theatro não esteja tomado por contrato.

Art. 2.° — Na primeira temporada dará a Companhia uma peça nova por mez, devendo entre ellas levar á scena trabalhos de autores nacionaes, sendo na segunda epoca permittidas as recitas em beneficio das primeiras figuras da Companhia, as de beneficios vendidos e as de beneficencia.

Art. 3.° — Nenhuma peça nacional poderá ser retirada de scena emquanto obtiver a receita diaria de 800$000.

Art. 4.° — Das receitas diarias dos espectaculos normaes da Companhia serão destinados 5 o|o, até perfazerem a quantia de 5:000$, para premio ao autor nacional da peça nacional que tiver obtido maiores receitas.

Art. 5.° — O Director da Directoria do Patrimonio Municipal fiscalizará a execução das condições em que é concedido o auxilio a Companhia, devendo esta fornecer-lhe uma nota diaria dos espectaculos e um balancete mensal de todo o movimento economico.

Art. 6.° — A Companhia aproveitará, de accordo com o Director da Escola Dramatica, a titulo de aprendizagem, os alumnos dessa Escola que melhores aptidões manifestarem, até que possam ser incluidos no quadro dos artistas.

Art. 7.° — O Prefeito expedirá as instrucções regulamentares que julgar convenientes.

Art. 8.°—Revogam-se as disposições em contrario.

Sala das Commissões, 7 de Outubro de 1919. — AZUREM FURTADO, Presidente.— MANOEL MARINHO.

OUVIR ESTRELLAS...

DE SOUBRETTE A ESTRELLA

Se outros meritos não houvesse a "Jurity" um possue inestimavel: poz em fóco, novamente, a figurinha cheia de graça brasileira da Sra. Abigail Maia, uma das actrizes mais completas que o nosso desorganizado theatro tem produzido.

Ouvil-a, era uma doce obrigação que se nos impunha; juntar nossas homenagens ás que lhe serão prestadas hoje, no S. Pedro, onde se realiza, com desusado brilho, sua festa artistica um grato dever. E procuramol-a com a satisfação intima de quem pratica uma boa acção, cuja recompensa começamos a fruir desde o momento em que transpuzemos a porta do seu camarim, onde nos recebeu com a chã affabilidade caracteristica da gente da nossa terra.

Entrevistamol-a durante uma das representações da applaudida peça do Sr. Viriato Corrêa. Era a Jurity que nos falava com a limpidez de sua alma sartaneja transparecendo nos seus lindos olhos.

— Foi em Porto Alegre que estreei fazendo uma criadinha na comedia "Maridos na corda bamba". Havia-se decidido, apezar da minha ascendencia, que eu não seguiria a carreira theatral, e por isso encarei a minha estréa como um facto accidental de minha vida, sem nenhuma importancia, e do qual, á volta ao Rio, só deveria restar a lembrança. Parece que reconheceram alguma habilidade em mim porque um mez depois davam-me a interpretar a Henriqueta, das "Duas orphãs"...

— Cahia assim em pleno drama?

— Em pleno drama! E' o nosso theatro meu caro. As companhia nacionaes que então excursionavam pelos Estados exploravam todos os generos theatraes, da revista ao dramalhão. Foi isso que me permittiu estreiar aqui no Rio, na Companhia Silva Pinto, que occupava o Lucinda, fazendo a Princeza Assucena da magica "A fada de coral". Tinha apenas quinze annos, estava na edade dos sonhos, do romantismo. Era tão romantica... que me casei, durando a minha ventura tres annos e meio sómente, que ao fim desse tempo meu bom companheiro se foi para além, deixando-me para sempre. O casamento affastou-me do palco por algum tempo, e quando a elle voltei parti com a grande companhia Chico Souza, em *tournée* aos Estados do norte. Não occupava nenhum primeiro logar, tinha, porém, a falicidade de agradar e progredia. Voltando ao Rio fiz parte de outros elencos e para fugir a fastidiosa enumeração dir-lhe-ei que alguns annos depois emquanto a Companhia Taveira creava em Lisboa o repertorio vienneuse, de opereta

a companhia de que eu fazia parte, dirigida pelo Sr. Miranda, fazia o mesmo no Porto. Tanto nessa cidade como em Coimbra foram grandemente gentis para commigo e de regresso ao Rio ainda conservo, de envolta com os applausos do publico, a lembrança do bom acolhimento que a critica me fez. E' assim que me recordo das elogiosas referencias, por exemplo, que o maestro Borgongino fez ao meu trabalho na Julieta, do "Conde de Luxemburgo", papel que criei no Rio. Fui depois *estrella* da companhia que occupou o S. Pedro e que viveu cerca de tres annos, tendo sido nosso maior successo "O Gabirú". Foi ella que me levou a S. Paulo, proporcionando-me um encontro com aquelle espirito gentil, aquelle saudosissimo João Phoca. A companhia dissolvera-se e o Phoca propoz-me, a mim e ao maestro Luiz Moreira, a formação do trio que tanto se celebrisou. Reputo esse o periodo mais brilhante da minha vida artistica. Nosso successo era inacreditavel, eu ficava assombrada de ouvir os frementes applausos de theatros sempre cheios, ás nossas pessoas. Durante dez mezes percorremos triumphantemente todo o Estado de S. Paulo. Quanta cousa interessante eu lhe poderia contar acerca desse grande amigo, desse grande coração que se tornara o nosso inseparavel companheiro! Alma generosa, de um verdadeiro philantropo, não admittia que sahissemos de terra alguma sem realizar um espectaculo em beneficio da Santa Casa local. E dizia, alegremente quasi, que a sua vida de bohemio o levaria um dia a cama de um hospital... Pobre amigo!

E por um momento a Sra. Abigail Maia esteve calada. Nós respeitamos-lhe o silencio, tanto mais que a evocação da figura de João Phoca, do jovial João Phoca, nosso companheiro na redacção da "Jornal do Brasil" nos enchera de funda saudade.

— Depois, como sabe fizemos no Pathé, algumas das nossas conferencias e o Phoca, já muito doente, recolheu-se a Casa de Saude de S. Sebastião. Sabiamol-o incuravel mas por lhe alimentar esperanças, recusei durante um anno os contratos que me offereciam. A vida, ao fim desse tempo, e as insistencias do Phoca demoveram-me de resolução que tomara, fui a ser a primeira figura feminina da Companhia Christiano de Souza que trabalhava no Trianon. Com ella fui para o sul recebendo em Porto Alegre a esperada, mas amarissima, noticia do fallecimento do bom Phoca. Em S. Paulo a companhia dissolveu-se. Organizei com o maestro Luiz Moreira e o saudoso actor Campos, tambem nosso grande amigo, uma companhia que, com successo, excursionou por S. Paulo. Adoeci, por minha vez; voltei ao Rio. O resto é a phase contemporanea, da Companhia de Operetas do Recreio e de Melodrama do S. Pedro...

Affirmou-nos a seguir que ama o theatro, sendo seu grande desejo dedicar-se á comedia. Alludimos ao projecto Mauricio. Applaude-o, leu-o com vivo interesse.

— Deve fazer parte da companhia a organizar-se?

— Se me quizerem lá...

— E quem seria capaz de não a querer... lá? rematamos apressados, sentindo um alarmado olhar que não era o da nossa gracil interlocutora.

A Sra. Abigail Maia limitou-se a sorrir. Era a melhor resposta, e se o seu espelho lhe não dissesse, dir-lhe-iamos nós que, na ausencia, por absurda, de outros quaesquer meritos, bastava aquelle sorriso para lhe abrir todas as portas.

MARIO NUNES.

EXPEDIENTE

A correspondencia, sobre assumptos de redacção, deve ser dirigida ao Sr. Mario Nunes, e sobre assumptos administrativos ao Sr. Candido de Oliveira, gerente, redacção de "Palcos e Telas", Avenida Rio Branco, 129, 2º andar, Rio de Janeiro.

Para as assignaturas e venda avulsa vigoram os seguintes preços:

De anno, 52 numeros ...	15$000
De semestre, 26 numeros.	8$000
Numero avulso	300
Numero avulso nos Estados	400
Numero atrazado	400

São nossos representantes:

Estado de Minas: Djalma Costa, rua Duque de Caxias 1, Uberaba; Juvercino Amaral, Curvello.

Estado do Rio: Joaquim Augusto de Faria, Theatro Orion, Campos.

Estado de S. Paulo: Agencia Annunziato, rua de S. Bento, 67, S. Paulo; Decio Fonseca, rua Riachuelo, 92, Botucatú; Walter Luhmann, rua Saldanha Marinho, 6, tel. 30, S. João da Boa Vista.

Parahyba do Norte: Antonio Monteiro, Caixa postal 100, Parahyba.

Estado de Sergipe: Empreza Romualdo Figueiredo, Theatro Eden-Cinema, Aracajú.

Tiragem 5.000 exemplares

Não é nova entre os jornalistas encarregados das secções theatraes dos nossos matutinos e vespertinos a idéa da fundação de um centro de chronistas de theatro cujo principal objectivo seria emprestar maior efficiencia á elevada funcção que exercem, orientando-a de maneira uniforme em relação ás questões geraes que interessam ao desenvolvimento e apuro artistico do theatro no Rio de Janeiro.

Resurgindo agora cumpre leval-a por diante tanto mais que é de facilima realisação: para que o centro se funde basta que a maioria dos chronistas effectuem duas ou tres reuniões em que se discutam as bases da associação e se eleja a sua primeira directoria. Nenhum entrave existe, sendo interessante notar que para a acção futura o mutuo entendimento dar-se-á nos theatros a onde, em dias de primeira representação, por dever de officio, comparecem todos os associados. Isso não exclue é claro, a realisação de reuniões em que se fixem os pontos geraes de acção quanto aos assumptos em fóco.

A acção do centro será de salutar effeito junto das redacções e das emprezas theatraes, redundando uma e outra cousa em beneficio da população. Não ha o intuito de intervenções indebitas mas, é sabido quanto aos jornaes que muitos não tomam attitudes em perfeita harmonia com os altos interesses da cultura artistica do povo pelo receio de ficar em um incommodo isolamento; por sua vez contando as emprezas theatraes com a complacencia excessiva de boa parte da imprensa, não se esforçam por melhorar os espectaculos que offerecem ao publico. O centro assegurando a unidade de vistas prestará assignalado serviço ao theatro do Rio de Janeiro.

DE DOMINGO A DOMINGO

MUNICIPAL — Dias 7 e 10, Concertos Guiomar Novaes, nos demais, fechado.

TRIANON — Companhia Leopoldo Fróes — Dia 6, "O Sympathico Jeremias"; 7, "Viuvinha do Cinema"; 8, "O Pisa-Flores", primeira representação; 9 a 12, "O Pisa-Flores".

CARLOS GOMES — Companhia Eduardo Pereira — De 6 a 12, "O homem-peixe".

REPUBLICA—Companhia do Eden Theatro de Lisboa — Dia 6, "Sybill"; 7, "Viuva Alegre"; 8, "Duqueza do Bal-Tabarin"; 9, "Maridos alegres", primeira representação; 10 a 12, "Maridos alegres".

PALACE — Companhia Aida Arce — Dia 6, "Senhorita Tralálá", despedida da companhia; 7, fechado. — Companhia Clara Weiss, dia 8, "O camponez alegre", estréa da companhia; 9, "Eva"; 10 e 11, "I tre desideri"; 12, "Eva" e "I tre desideri".

S. PEDRO — Companhia Nacional de Melodramas — De 6 a 12, "Jurity".

RECREIO —Companhia de Revistas Luiz Ruas — Dia 6, "A mulher"; 7, "Trunfo é páos", primeira representação; 8 a 12, "Trunfo é páos".

S. JOSE' — Companhia Nacional de Revistas e Burletas — De 6 a 12, "Olha o trouxa".

PHENIX — Fechado.

LYRICO — Fechado.

PALACE

LEO FALL — "CAMPONEZ ALEGRE", opereta em 3 actos — Distribuição: Anna, Sra. Clara Weiss; Stefano, Sr. E. Amoroso; Matteo, Sr. De Angelis; Lindobar, Sr. Della Guardia; Zoff, Sr. M. Junselli; Randak, Sr. Giordani; Endierol, Sr. Cantoni; Vicenzo, Sr. Prestepino; Groom, Sr. A. Muselli; Victoria, Sra. O. Rubile; Federico, Sr. M. Gradini; Oreste, Sr. A. Gordani; Lisa, Sra. M. Della Guardia; Eurichetto, Sr. C. de Angelis; Franz, Sr. E. Ceodaro; Tonny, Sr. L. Giordani.

Reappareceu ao publico do Rio a Companhia Clara Weiss que aqui esteve ha alguns mezes trabalhando no theatro Lyrico. A companhia é a mesma. A primeira impressão, no emtanto, que se recebe agora é a de um maior trenamento, de maior segurança da representação, de que resulta maior harmonia de conjunto.

"O Camponez Alegre" é, entre as operetas modernas, uma das que a companhia póde interpretar com mais certeza de successo. O Sr. E. de Angelis, um bom artista cantor dá-nos um excellente "Matteo", cansando-se sua figura, caracterisada, é claro, com o personagem que interpreta. Obteve grandes applausos na "romanza" e sempre que teve de cantar. A Sra. Clara Weiss, onde haja ensanchas para estadear vivacidade, se impõe; como gentil figura de opereta, á "Anna" de hontem nada faltou em graça e travessura. O Sr. E. Amoroso deu-nos um acceitavel "Stefano" mantendo-se como actor e como cantor em um discreto meio termo. O "Lindober" do Sr. Della Guardia não foi lá muito alegre, mas despertou hilaridade. E' interessante notar que o actor, quanto á re-

presentação é de comicidade muito sobria e quanto á caracterisação exaggera a nota comica. Os demais não se alçaram a grande altura, mas mantiveram-se em um plano razoavel.

ZIEHRER — "I TRE DESIDERI", opereta em 3 actos — Distribuição: Lotti, Sra. Clara Weiss; Baroneza Rosebeck, Sra. A. Rubile; Ketty Fogosck, Sra. M. Gradini; Fogosck, Sr. E. Tornar; Umel, Sr. L. Della Guardia; Barão Fedor, Sr. E. Amoroso; Tenente Fritz, Sr. A. Giordani; Leopoldina, Sra. M. Della Guardia; La Suster, Sra. L. Giordani; Suster, Sr. G. Prestipino; Davirou, Sr. A. Sensani; Litke, Sra. M. Miselli; Stendor, Sr. M. Moglio.

O libretto:—Depois de uma funcção theatral a "troupe" ambulante de comediantes de Umel apresta-se para deixar o logarejo a que estava de visita, quando a linda Lotti, tutelada do hoteleiro Vergherer demonstra querer seguir com ella. Vergherer tem um filho proximo a chegar, e com receio de uma approximação entre os dous jovens, resolve pedir á "troupe" que conduza Lotti á cidade, no seu carro, o que vem ao encontro dos desejos da moça.

Em casa do millionario Fogosh festejam-se os esponsaes de Ketty, a rica herdeira com Fedor, o arruinado barão. A nobreza resolveu não comparecer á festa, mas Fedor vestiu ricamente os pobres artistas de Umel, que assim disfarçados, se apresentam como pessoas da melhor sociedade. Ketty, porém, que não ama Fedor promove um grande escandalo e o casamento não se realiza.

Na estação encontram-se a espera do trem os artistas, Fogosh e sua filha Ketty, a baroneza e o barão de Fedor. Este está enamorado de Lotti, emquanto Lotti alimenta, por sua vez, a esperança de casar com elle, e de tal maneira se conduz que o seu desejo se realiza. Ketty casa-se com o primo Fritz e tudo acaba no melhor dos mundos.

"I tre desideri" é uma opereta de estylo viennense, em que a musica é sempre facil, apoiada em motivos de valsa, e que se nenhuma originalidade possue, nem como inspiração, nem como technica, acaricia o ouvido agradavelmente.

O libreto tem graça, póde despertar mesmo grande hilaridade, entregue o desempenho dos papeis comicos que são multiplos a artistas comicos que o sejam de facto. Ora a Companhia Clara Weiss dispõe de um unico actor comico o Sr. Luigi Della Guardia que pretende dispertar o riso com a seriedade, por vezes funebre.

Foram interpretes dos principaes papeis as Sras. Clara Weiss, A. Rubile e M. Gradini, e Srs. E. Tornar, L. Della Guardia, E. Amoroso e A. Giordani. A Sra. Clara Weiss tem a seu favor a vivacidade e alegria e uma voz agradavel. Distancia-se de todos os outros até mesmo no vestir. Assim isolada "estrella" tambem, não admira que tenha a sorte da estrella do 1º acto...

A "mise-en-scéne" épobre. Citem-se, por originaes, os pyrilampos do final do 1º acto, e com diversa intenção o banco de páo da estação ferro-viaria. Falta luz ás scenas.

LEO FALL — "A PRINCEZA DOS DOLLARS", opereta em 3 actos — Distribuição: Alice Cowder, Sra. Cumeri; Daisy, Sra. Clara Weiss; Condessa Olga, Sra. A. Rubile; John Cowder, Sr. C. Tornar; Freddy, Sr. De Angelis; e Hans, Sr. Amoroso.

Foi bem melhor que os anteriores esse da Companhia Clara Weiss, com relação, especialmente, á parte cantada,, porquanto a representação deixa muito a desejar, impedindo que as scenas tenham o brilho e a animação imprescindiveis em espectaculos desse genero.

A Sra. Clara Weiss, deu-nos uma Daisy realmente gentil e graciosa. Cantou com o Sr. Amoroso o duetto do primeiro acto e o do segundo com absoluto agrado da platéa. Sente-se que muito outra seria a situação dessa actriz junto do nosso publico se houvesse conseguido organizar um conjunto homogeneo e mais brilhante. A graciosa estrella não se soube emmoldurar, mas póde gradualmente ir melhorando o elenco da sua companhia, onde ha artistas de merito.

O Sr. Amoroso, por exemplo, actor e cantor em formação, agrada desde já. Sua voz é de sympathico timbre e de facil emissão. Foi bem Hans, forçado a cantar conjuntamente com a Sra. Clara Weiss e com o Sr. De Angelis, o que fez sem deslustre.

O Sr. De Angelis, no Fredy, teve opportunidad ede estadeiar sua forte voz, conquistando applausos logo á entrada, que foram maiores na scena da carta e no dramatico final do segundo acto.

Um bom actor que detalha a representação e canta satisfatoriamente o Sr. C. Tornar deu-nos um excellente John Cowder, emquanto a Sra. Cumeri foi uma Alice apenas supportavel. A Sra. Rubile, na Condessa Olga, inteiramente deslocada, causou-nos má impressão.

A orchestra e córos certos, abedientes á regencia.

DALL'ARGINE—MADAME SANS GÊNE" opereta em 3 actosl. Distribuição: Catharina, Sra. Clara Weiss; Lefebvre, Sr. De Angelis; Fouché, Sr. Luigi Della Guardia; Napoleão, Sr. Cesana; Després, Sr. Miseli; e Naiper, Sr. Giordani.

E' realmente para lamentar que não tenha tido maior divulgação no Rio essa bella opereta cujo libretto dispensa encomios, pois que foi extrahida da conhecida peça dramatica do mesmo titulo, e cuja musica é uma delicia, bastando citar os concertantes e côros do primeiro acto com aquelle lindo fecho ao som da Marselheza, e a valsa que, graciosa no segundo acto, se repete com amargura no terceiro. A opereta tem movimento e theatralidade e não erraremos se affirmarmos que tão depressa ella se divulgue passará a ser uma das favoritas do nosso publico.

Constitue, realmente, Mme. de Sans Gêne um dos melhores espectaculos, se não o melhor da Companhia Clara Weiss. Seu caracter dramatico é mais accessivel aos meritos dos artistas que a compõem pouco affeitos á gaiatice, ao riso, á graciosidade, á excepção, é claro da sua primeira figura, a saltitante Sra. Clara Weiss.

Foi ainda essa actriz a que mais se destacou. Representou com grande sinceridade e brilho, detalhando o papel de modo a evidenciar a caracter do personagem, e teve inflexões muito justas, quer declamando, quer cantando.

São bons trabalhos os dos Srs. De Angelis, Della Guardia e Miiselli. O primeiro, no Lefebvre, não só agrada pelo typo, como pela segurança com que conduz a representação; o segundo ajusta-se tambem de modo satisfactorio á figura de Fouché e o terceiro obtém merecido successo no mestre de ceremonias Després.

Naiper e Napoleão tiveram nos Srs. Giordani e Cesana interpretes soffriveis.

A orchestra, excellente.

Trianon

ANDRE' SILVANE E JEAN GASCOGNE — "O PISA-FLORES", vaudeville em 3 actos — Distribuição: André Pierre, o Pisa-Flores, Sr. Leopoldo Fróes; Julia Pierre, Sra. Appolonia Pinto; Ninette, Sra. Bertha de Albuquerque; Rosalia, Sra. Elisa Campos; Mme. Brisson, Sra. Cecilia Neves; Joanna, Sra. Sylvia Bertini; Aurora, Sra. Cordelia Barros; Commandante Leão da Paz, Sr. Attila Moraes; Major medico, Sr. Carlos Torres, Henrique, Sr. Emygdio Campos; José Cabeça, Sr. Placido Ferreira; Dupont, Sr. A. Rosas; Olympio, Sr. Costa.

André Pierre, tabellião, fez um casamento de conveniencia e não tem voz activa em sua casa. Um tanto mais energico por occasião das manobras, detesta o serviço militar pelos máos tratos que recebe e pela alcunha de "Pisa-Flores" com que o achincalham, nas fileiras. Está se apromptando para aquartelar, quando lhe apparece, reclamando uma herança, Ninette, dansarina do Moulin Rouge. Consegue dispensa do serviço e vae para um hotel de villegiatura, com a rapariga gozar treze dias de liberdade. Lá se encontra com officiaes, tambem em manobras, e como é praça de pret seus serviços são immediatamente requisitados, emquanto Ninette trava excellentes relações com toda a officialidade... Com seu empregado, José Cabeça, que quer se casar com a sua enteada Rosalia, passa máos momentos e foge. A' sua casa vão ter os officiaes que o perseguiam, porque um delles é pretendente á mão de Rosalia. Passa o "Pisa-Flores" novos transes desagradaveis, a que põe termo mettendo-se corajosamente na pelle de tabellião, do tabellião André Pierre, na sua pelle emfim.

O primeiro acto, em que ha um pouco de observação, é bom, promette-nos um seguimento interessante. O segundo é mero "vaudeville", bem assim o terceiro, o mais fraco de todos. São scenas e situações vulgares, quasi massadoras. A interpretação tem a sua sorte ligada ao valor da peça. O papel do Sr. Leopoldo Fróes, parece, desde logo, excellente, offerece opportunidade ao sympathico actor patricio de compor-lhe o caracter, mas só no primeiro acto. Depois dispensa o artista e qualquer actor que tenha vivacidade o faz com vantagem. Citem-se, porque afinal representam esforços conscienciosos os trabalhos dos Sr. Attila de Moraes, Carlos Torres e Placido Ferreira, e das Sras. Apallonia Pinto, Bertha de Albuquerque, Elisa Campos e Cordelia Barros. A Sra. Sylvia Bertini já vae conseguindo aqui e alli inflexões naturaes.

REPUBLICA

MAX GABRIEL—"MARIDOS ALEGRES", opereta em 3 actos — Distribuição: Jeannete Trochard, Sra. Auzenda de Oliveira; Luciana, Sra. Alice Pancada; Casemiro Trochard, Sr. José Ricardo; Pimponet, Sr. Armando de Vasconcellos; Josephina, Sra. Margarida Martinó; Juliana, Sra. Mercedes Gonçalves; Jouvenelle, Sr. Luiz Leitão; Chaboreau, Sr. Carlos Vianna; Baptista, Sr. Sebastião Ribeiro; Coronel Troubert, Sr. H. Amaral, e Tenente Lamonat, Sr. A. Paiva.

Não passa de um "vaudeville" musicado a peça que a Companhia do Eden Theatro, de Lisboa, poz em scena, em dias da semana passado.

O pricipal attractivo é o libretto, verdadeiramente interessante, explorando o thema eterno de todos os "vaudevilles" — maridos que enganam as mulhres e que se vêem em palpos de aranha, quando sôa a hora da "révanche". A partitura nada tem de rebuscada e difficil, pelo contrario, timbra em utilisar melodias de rapida assimilação, que agradam immediatamente. Parece que o autor não teve outro objectivo senão a prompta popularisação da sua obra, objectivo nem sempre facil de alcançar, pois que não exclue a inspiração, antes a exige. Ha varios trechos de bonita musica. Para só citar o mais original e o mais mimoso salientemos a canção da montanha, cantada com finura, extrema leveza e graciosa maviosidade pela Sra. Auzenda de Oliveira, com acompanhamento de côro, e que, para maior encanto, é realçada pela marcação tambem de uma ideal delicadeza. Essa foi, aliás, a impressão que todo o trabalho da Sra. Auzenda de Oliveira nos deixou. A actriz é deliciosa de travessura, sabe como ninguem frisar no dialogo as segundas intenções, dispõe de gesticulação muito sua e muito graciosa e faz praça da sua elegancia, revelada, nessa opereta, em duas bellas "toilettes".

A Sra. Alice Pancada, no segundo papel feminino, emprestou bastante brilho ao espectaculo, cantando galhardamente a sua parte. E' digna de menção tambem sua formosa "toilette" do 2º acto em rosa pallido com florões bordados a ouro.

A parte comica foi excellentemente defendida pelo Sr. José Ricardo, o actor de grande merito, que o nosso publico tanto estima, e pelo Sr. Armando de Vasconcellos, que fez realmente com graça e intelligencia o "Pimponet", de facto um dos seus melhores trabalhos. Destacaram-se ainda o Sr. Luiz Leitão e as Sras. Margarida Martinó e Mercedes Gonçalves, que mantiveram a representação em alto nivel.

A ensecenação é muito boa. Bonito o scenario rustico do 1º acto, e artistica a sala circular do segundo, com mobiliario proprio e original illuminação electrica.

DOROTHY DALTON ACABA de posar para um film em que teve as maiores opportunidade de usar bellas e vistosas toilettes. O "Apache", feito em Nova York. A fascinante estrella revolucionou todos os dominios de modas nova-yorkinos em busca dos mais ricos e vistosos vestidos.

*

A NOSSA CONHECIDA e endiabrada Pearl White, publicou ha pouco a sua autobiographia, a que deu o titulo de "Eu mesma".

VISÃO ESTHETICA

Essa artistica ronda de girls da Fox tem a expressão de um quadro antigo de belleza classica. Parece, na graciosidade do seu conjunto, uma visão da Grecia ao tempo em que as artes alli floresciam como se fossem as unicas preoccupações do povo e do paiz. Não passa, no emtanto, de uma fantasia adoudada das travêssas e alegres girls da Fox que tanto nos deliciam e divertem.

UM FILHO DE ALGECIRAS

(Continuação do n. 66)

Uma nova éra raiou para Antonio Moreno no dia em que conheceu Adeline Moffet uma senhora rica que dirigia as diversões de uma proxima Y. M. C. A. (Associação Christã de Moços). Ella dedicou grande interesse aquelle rapazelho de olhos sentimentaes e pouco depois o apresentou a Mrs. Charlott Morgan. Talvez não houvesse de parte de Adeline sómente o pensamento de ser agradavel a Tony, mas tambem o desejo de confortar Mrs. Morgan que tão rica em cousas do mundo acabava de perder seus reaes thesouros. De facto, primeiro morrera-lhe o marido, depois sua filha e logo após teve seu filho tragico fim.

Antonio tinha exactamente a edade do filho de Mrs. Morgan. Nada mais natural que occupasse o logar vasio no coração da pobre senhora. Ella o adoptou, levou-o para a sua casa em Northampton, Massachussets, e o matriculou no Williston Seminary.

— Lembra-me que minha mãe nunca fôra para mim mais carinhosa do que Mrs. Morgan a quem eu chamava familiarmente de Mummy, diz Antonio Moreno.

Foi em Northampton, onde o Smith College, de raparigas, dava representações theatraes que Tony sentio pela primeira vez a attracção do palco.

Comquanto desejasse abraçar a carreira theatral, de todo o seu coração, passou as ferias do verão praticando em uma estação telephonica, trabalhou como electricista e mais tarde na frabrica de seda de Mc Collum, em Northampeon. Não perdia de vista o theatro, frequentava todas as companhias que alli iam ter. No verão de 1908 voltou á Hespanha, a Algeciras. Sua mãe, ao abraçal-o desmaiou de alegria. La permaneceu algumas semanas. Sua mãe casara-se de novo, não precisava delle. A pequena... Tony voltou a America sem ella! A bordo fez relações com a actriz norte-americana Helen Ware que lhe encontrou enorme habilidade para o theatro reaccendendo seu enthusiasmo e decidindo-o a devotar-se ao palco.

Apenas chegado correu a Northampton em visita a Mrs. Morgan sua mãe adoptiva. Foi uma mulhér que lhe deu o primeiro papel de importancia a representar, o de um conde hespanhol, na peça "Two Women" de Mrs. Leslie Carter.

Foi bem succedido, e e proseguia no theatro quando Marion Leonard outra mulher precisando de um gentil rapaz em seu film "Voice of Millions" fel-o ingressar na cinematographia.

As moças que seguem esse resumo da vida de Antonio Moreno estarão já anciosas por saber que outra mulher se apossará do nosso heróe com direitos mais positivos sobre a sua pessoa. Asseguremos-lhes desde já que, até hoje, nenhuma tal conseguio. Tony é perfeitamente feliz tal como está, ama seu trabalho, seu auto, seus clubs, seus amigos, e mais do que tudo sua liberdade de celibatario.

MODAS

Um encantador vestido de setim coberto por uma tunica de chiffon, em pontas, bordada, que recobre tambem o cinto de velludo. Modelo da Famous Players.

ODEON

O grande successo que aqui está obtendo CORAÇÕES DO MUNDO, não foi senão a reproducção do que tem acontecido por toda a parte. A obra magnifica de David W. Griffith, que, com o ser um documento vivo da guerra, é grandemente formosa pelo poema de amor que encerra, o amor heroico, dignificador do homem, que o eleva até junto da divindade, produz uma impressão profunda que tanto maravilha como encanta e fica na nossa memoria como um dos mais bellos espectaculos a que hajamos assistido em nossa vida.

Não admira, pois, que quasi toda a população do Rio de Janeiro tenha accorrido ao ODEON a vêr a primeira parte e que a segunda, exhibida durante toda a semana corrente, esteja obtendo egual successo.

Trata-se realmente de uma obra prima, uma joia do melhor quilate, do mais subido valor.

*

Conjuntamente com "Corações do Mundo" será exhibido de hoje em deante ONDAS, e MULHERES ENFURECIDAS, mais um episodio da vida aventurosa de MUTT e JEFF, os engraçadissimos personagens que Bud Fisher creou para diversão do mundo e que constituem uma das mais interessantes notas de bom humor do mundo moderno.

*

LOUISE HUFF, a adorabilissima ingenua que tamanhos successos tem obtido entre nós — basta citar a impressão deixada pelo seu trabalho em "Grande dama" — reapparece no *écran* do ODEON segunda-feira proxima, em um bellissimo film que vae agradar immensamente ao fino publico que frequenta aquella luxuosa casa de diversões.

CORAÇÃO DE OURO, assim se intitula essa magnifica producção da WORLD PICTURES, é a historia de Annie Wilkes (Louise Huff), que vivendo em uma pequena cidade, sabe, depois da morte de sua mãe, pelo tabellião, que nada lhe ficou em herança. Deseja a moça continuar seus estudos de arte, aconselhando-a o tabellião a que volte sua attenção para qualquer meio de vida mais pratico. Hesita quando recebe uma carta de Mary Weatherbee (Grace Barton), uma velha amiga de sua mãe, offerecendo-lhe uma collocação em casa de Mme. Estelle (Marion Barnay), modista em New-York, que a moça, jubilosa, acceita.

Depois do seu primeiro dia de trabalho, ao recolher-se ao seu pequeno quarto, vê que alguem a segue. E' Mike Monahan (John Hines), que tendo habitado aquelle aposento, vem em busca da sua navalha, que alli deixára por esquecimento. Fazem-se bons amigos.

Quando em trabalho, Annie lê um offerecimento feito pela American Modestes Association, de um premio de cinco mil dollars a quem apresente o modelo mais pratico de vestuario para a mulher em tempo de guerra. Annie concebe um modelo, desenha-o em uma folha de papel da casa e assigna-se "Coração de ouro". O premio é concedido a esse desenho e attribuido a Mme. Es-

BRASIL CINEMATOGRAPHICA

telle, por causa do timbre do papel. A deshonesta modista apressa-se em se apresentar mas declara á commissão que não recebera o premio emquanto não fôr usado o seu modelo. A publicidade traz-lhe enorme freguezia, confecciona numerosos vestidos "Coração de ouro", que vende a altos preços, apezar da declaração de Annie, ás suas companheiras, de que o desenho era de sua autoria.

Flemette (Peggy Vaughan), actriz da Follies, lança o novo costume. Escrevem uma canção para ella. Mme. Estelle é apresentada ao publico como a autora do modelo.

De nada servem os protestos de Annie, que mostra a Mike o original, indo ambos a um advogado para iniciar uma acção reclamando os direitos autoraes. O advogado acceita a causa e vae se entender com Mme. Estelle, com quem se associa para uma larga exploração do modelo em todos os Estados Unidos.

Mme. Estelle deseja, por sua vez, fintar o advogado, e manda seu marido (William Williams) buscar o original encontrando-se este com Mike, no escriptorio do intermediario venal, o que põe o amigo de Annie de sobreaviso e o leva a contar o que se passa a Collins (Anthony Merlo), que fizera parte da commissão que concedera o premio e que promette tudo investigar.

Collins chama Annie a sua presença e pede-lhe o original de "Coração de ouro". A moça declara que o entregou ao advogado. Pede Collins que ella faça um outro desenho, que compara com o que motivou o premio, notando ser do mesmo punho. Convoca então seus collegas de commissão para uma reunião no dia seguinte.

Nesse meio-tempo o advogado faz Annie assignar em boa fé um documento que não é senão a renuncia de seus direitos a "Coração de ouro", de modo que no dia seguinte, deante desse documento, a commissão vê que nada tem a fazer. A surpreza de Mike e Annie é grande. O rapaz indignado provoca um escandalo, envolvendo Mme. Estelle. Um reporter interessa-se pelo caso e lhe dá publicidade, o que faz com que Mme. Estelle e o advogado, vendo o

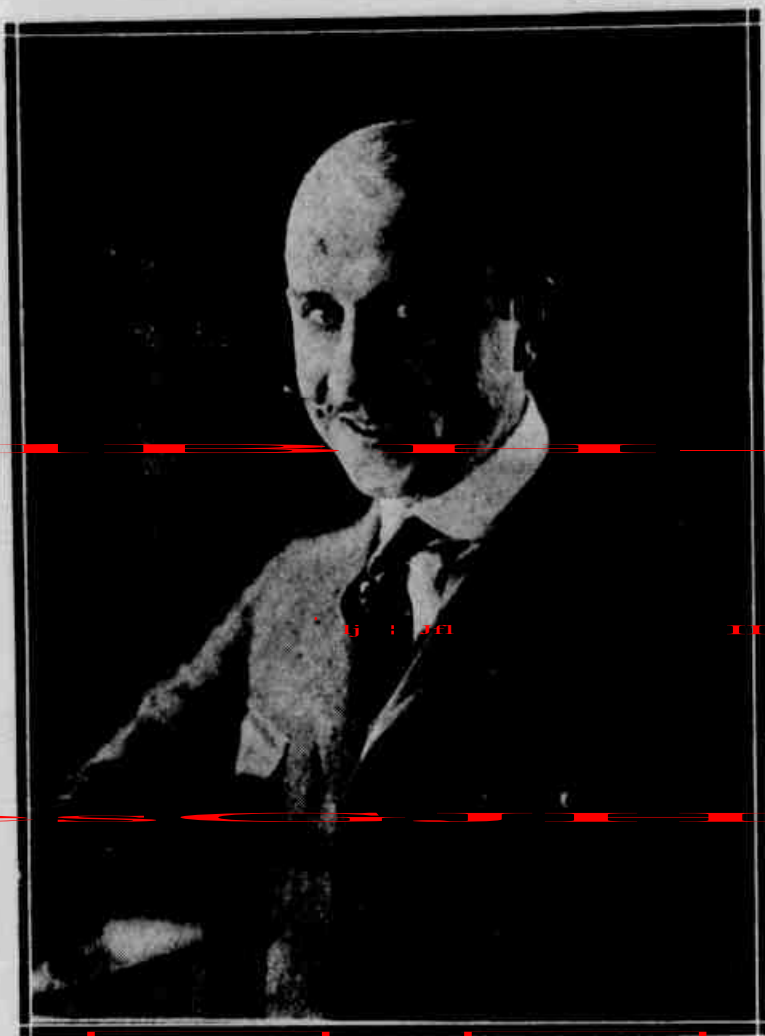
jogo perdido, se apressem em apurar todo o dinheiro possivel e bater em retirada. Mike e o reporter barram-lhes o caminho á sahida da cidade e o juiz, ao passo que confere o premio a Annie, envia os dois velhacos para a cadeia. E' claro que Annie cahe nos braços de Mike.

Um film devéras interessante e que vae causar a melhor das impressões.

+ + +

Parece-nos de todo o ponto justo chamar a attenção, ainda uma vez, do publico do Rio de Janeiro, para os grandes esforços da Companhia Brasil Cinematographica, afim de que as mais bellas, mais assombrosas, mais admiraveis obras da cinematographia moderna sejam aqui exhibidas. Sem se restringir, como tantos outros exhibidores, aos lucros faceis que provêm dos films de producção commum, não hesita a poderosa companhia em empregar grossas sommas na compra dos direitos de exclusividade, no Brasil, das obras portentosas sahidas dos studios norte-americanos, dispendendo, em seguida, quasi outra vez, o valor do film, em formidaveis campanhas de propaganda. E', portanto, mais do que natural que, para levar a cabo emprehendimentos de tão grande monta, ella peça o concurso do publico, que aliás lhe não tem sido recusado, e que consiste em aceitar um pequeno augmento no preço das entradas, largamente compensado pela excellencia e belleza do espectaculo que lhe é offerecido.

Não é isso uma innovação da Brasil Cinematographica. Assim acontece por toda a parte. Ninguem póde pretender ouvir Caruso pelo mesmo preço que Bergamaschi... E por comprehender isso perfeitamente, sempre que o Odeon annuncia uma dessas obras que podem ser classificadas de verdadeiras maravilhas do mundo moderno, seus salões se enchem e as sessões se succedem com as lotações esgotadas.

Bem hajam, pois, a Companhia e o publico, que tornam possivel a exhibição, no Rio de Janeiro, das mais sumptuarias e mais bellas obras da cinematographia moderna.

CINEMAS

AVENIDA

ARTCRAFT — "A CASA DE BONECA" — (A Doll's House) — Traduzido em todos os idiomas conhecidos e tendo percorrido triumphalmente o mundo inteiro a tentar a vaidade artistica das chamadas estrellas do palco, era natural que a "Casa de Boneca" não escapasse tambem aos productores de films, tanto mais que se vão tornando dia a dia mais escassos os assumptos de expressa fabricação para a tela, e o famoso drama de Ibsen, com o seu feitio eminentemente humano, se presta para o cinema, verdadeiro theatro da vida real. Coube a Elsie Ferguson a incumbencia de viver no ecran esse vigoroso protesto contra o pernicioso convencionalismo dos tempos medievaes, que faz da mulher uma escrava do homem, um seu objecto de luxo, um seu instrumento de prazer, e a applaudida actriz, que allia a um talento pouco vulgar uma attractiva belleza, de tal modo se houve no complicado papel de Nora Helmer, uma sonhadora e rebelde como todas as mulheres de Ibsen que a deficiencia resultante da falta do dialogo, de que a peça vive no theatro quasi que exclusivamente, passa, por assim dizer, despercebida...

PARAMOUNT — "EXILADOS" — (Happy Taough Married) — Photodrama de Thomas Ince, magnificamente interpretado pela encantadora Enid Bennett e Douglas Mac Lean, dos melhores que ultimamente temos visto. Dois irmãos Estanislau e Joaquim, compram terras no Mexico, onde um dia descobrem ouro. Estanislau vae para New-York, vende a mina e casa-se com Emilia Lee. Esta, mais tarde, encontra no bolso do marido um retrato da noiva do irmão delle e enche-se de ciumes, complicando-se as coisas seriamente. Dahi em diante o film torna-se interessantissimo, succedendo-se situações do mais fino humorismo, até que tudo se esclarece, por fim, voltando a harmonia ao lar do casal Estanislau-Emilia.

ARTCRAFT — "O MEU CAVALLO MALHADO" (The narrow trail) -- O AVENIDA deu-nos hontem, quarta-feira um film de William S. Hart, o primeiro que nos é dado vêr desse artista, editado pela Artcraft, sob o titulo de "O meu cavallo malhado". Como o titulo deixa vêr, o film é a apresentação de um corcel original por sua estampa e bravura, corcel indomito que apparece correndo em liberdade nos campos de Oeste, Norte-America, e que o espectador distingue facilmente entre uma manada de cavallos selvagens, trotando por montes e valles. William Hart como de costume, faz de temivel bandido. Vê por acaso o cavallo malhado, apodera-se delle, doma-o e amolda-o á sua feição, fazendo depois com elle proesas inimitaveis. Entra no film tambem a actriz Sylvia Breamer, por quem Hart se apaixona, julgando-a pura, immaculada, numa occasião em que elle assalta uma diligencia de que ella é passageira. Por sua vez, a pequena, quando se encontra com o bandido, vestido á epoca, já se vê, apaixona-se tambem. Não deixa de impressionar o publico a parte philosophica e moral de que se reveste o film, no facto de acariciarem os dois interpretes um sentimento de admiração pelo bem, pela pureza e honradez, suppondo cada um no outro virtudes imaginarias: um dia elle entra num "music-hall" barato e encontra a sua eleita entre as bailarinas...

— Tu! Tu, aqui?... Oh! se tu és má o que é que ha de bom no mundo?

A mesma scena se repete quando ella descobre que ele não passa de um bandido...

E' um film de encantar, quanto ao assumpto, desempenho e "mise-en-scéne"!

ODEON

D. W. GRIFFITH — "CORAÇÕES DO MUNDO" — (Hearts of the World) — A chuva que cahiu durante toda a semana tirou grande parte do brilho esperado para as exhibições desse portentoso film que serviu de estréa no Rio ao grande revolucionador do cinema, o formidavel ensaiador D. W. Griffith considerado por alguns criticos o Dante da tela. Ainda assim, dias houve em que os dois sumptuosos salões do ODEON se conservaram á cunha em toda sas sessões. Do film nada diremos, para não tirar ao espectador o sabor da surpresa, tão grandiosa, tão colossal nos pareceu a obra de Griffith. De resto, "Palcos e Telas" teve occasião, nos ultimos numeros, de lhe publicar por completo o entrecho de envolta com a opinião dos mais autorizados criticos norte-americanos, e não deixaremos, todavia, de recommendar aos leitores que não percam esse monumento da moderna cinematographia.

Palais

GRAPHIC — "CULPA ANTIGA" — (The Echo of youth) — No Palais tivemos uma producção da Graphic, "Culpa antiga", que passa por ser, na America, uma das mais violentas no genero. E' o romance de dois jovens que se amam e se sentem por momentos ameaçados da derrocada de todos os seus sonhos, pela malvadez de uma mulher, mãe de creação do rapaz, que, para fazer mal ao pae delle faz crer aos namorados que elles são irmãcs proprios. Depressa, porém, se esclarece tudo, e a coisa acaba no melhor possivel, na esperança do melhor dos futuros. No decorrer do film ha, realmente, innumeras situações de grande força dramatica. O photodrama foi escripto e ensaiado com muito cuidado, pelo celebre Ivam Abramson, que fez delle um exito cinematographico, figurando no elenco Charles Richman, Leah Baird, Marie Shotwell e outros.

TRIANGLE — "SAIAS E CALÇAS" — (The Wharf Rat) — Mc Crakcen velha extravagante, impingia ridiculas taeorias pedagogicas a pobres creanças. Polly, sua enteada, embirra com tal cousa, e prefere estudar musica com o avô. Um dia por qualquer motivo, arma-se desordem, que acaba por arrumar o avô umas bengaladas no filho da velha e, julgando ter-lhe dado cabo da pelle, foge com a neta. Foram para São Francisco, onde a pequena se emprega tocando violino pelos cafés. Mais tarde a policia deita-lhe a mão e embarca-a, para a entregar á madrasta, mas ella consegue fugir de bordo e casa-se com Edie Douglas, rapaz que sempre disse mal de tudo quanto era mulher. Mas Marsh e Robert Harron têm os principaes papeis.

Parisiense

METRO — "O PODER DO AMOR" — De enredo um tanto complicado, a fita que o Parisiense nos deu quinta-feira da semana passada vê-se com o maximo prazer, pelo primor das photographias e pelo desempenho, que nada deixa a desejar, e de que são principaes figuras Franklin Farnum e Ann Nilsson, artistas conhecidissimos do nosso publico. Trata-se de um magistrado pae de dois filhos, que se não conhecem como irmãos e que em certa altura se acham frente a frente gostando ambos da mesma moça. Apura-se então que o juiz antes do seu casamento "official" fôra casado secretamente com a filha de um individuo que tinha uma morte ás costas, etc., etc. O juiz, por sua vez, tinha tambem mandado desta para melhor um outro cavalheiro, e um dos filhos do juiz viu-se tambem envolvido num crime de morte, mas felizmente o desfecho do film é o melhor, dos que mais agradam ao espectador visto que tudo acaba bem. O film, como dissemos acima, vê-se com prazer.

PATHÉ

FOX — "O VINGADOR PEREGRINO" — (Riders of the Purple Sage) — Magnifico film esse, extrahido da novella de Zane Grey com o mesmo titulo. Passa-se a historia no Estado de Utah, Norte-America, e o pivot da peça é o rapto de uma moça, por um alto dignitario da seita dos Mormons, de que ella fôra por muito tempo quasi que adepta e que depois abandonára, forçada pelo marido. William Farnum encarna o papel de Lassiter irmão da moça, e que é, afinal, o herôe do film. Sósinho, atira-se á lucta contra a poderosa seita e, no fim de certo tempo, consegue, como não podia deixar de ser, aliás, vingar-se dos autores do rapto. E' film de seguro effeito e agrado, quer pelo trabalho de Farnum, que é excellente, quer pela photographia, que é soberba, apresentando bellissimos quadros do "Golden West" e dos costumes dos Mormons.

No final, Lassiter e sua bem amada ficam encerrados em um valle, de onde sahirão na 2ª parte do film a exhibir-se.

FOX FILM CORPORATION — "A NOIVA REBELDE" — (The Rebellious Bride) — Trata-se d euma pequena a quem querem casar com um velhote embirrrante que ella detesta, motivo porque no proprio dia do casamento foge de casa. Como não póde deixar de ser, dentro em pouco lhe deitam a mão, e alli mesmo, na estrada, o avô a previne de que ella vae casar-se com o primeiro homem que appareça. Approxima-se um velhinho de oitenta annos. E' esse o primeiro homem que apparece, e será com elle que a moça casará... O acaso, porém, faz co mque um aviador victima de um desastre lhe caia aos pés, e com esse ella casa. O casal não vive bem, mas para o fim a felicidade sorri para todos com a mudança de idéas que em todos se opéra. Peggy Hyland vae bem.

IDEAL

PATHE' NEW-YORK — "VAMPIRO RELAMPAGO" — (The Ligatning Raider) — Mais duas series desse intrincado film em series em que o arrojo e o temperamento artistico da famosa Pearl Whitte explodem a cada momento arrebatando o espectador. Film de completo agrado desde o primeiro episodio, está de tal modo architectado, que o publico se sente preso sempre de uma para outra serie na maior das anciedades. Como sempre, o IDEAL esteve "au grand complet" emquanto duraram as exhibições.

FOX FILM CORPORATION — "A MULHER SUBMISSA" — (The Woman Who Gave) — Um pintor americano vive com seu irmão em Paris e tem como modelo uma jovem, Ermelinda. Um bello dia apparece no "atelier" do pintor o principe Vacara, que seduz Ermelinda e a leva para o seu reino. O artista tendo ficado cego, embarca para a America, onde por fim encontra a rapariga, que está arrependida do passo que deu, porque o tal principe é um sujeito de mãos bofes e enche-a de pancadas. Afinal, depois de uma noite de grossa bordoada, a rapariga foge e acaba casando com um irmão do pintor cego. Evelin Nesbit tem o principal papel.

IRIS

UNIVERSAL "SEDUCÇÃO DO CIRCO" — (The Lure of the Circus) — Tiveram o successo de sempre as duas novas series deste film que o IRIS nos vem dando ás sextas-feiras, com o celebre Rolleaux no principal papel. Como nos anteriores, Rolleaux tem nestes episodios occasião de pôr em pratica "tudo quanto sabe" da nobre arte do "boxing", enthusiasmando a grande massa de seus admiradores.

CHICO BOIA GANHA O MESMO QUE CARLITOS

As revistas norte-americanas falam da grande popularidade que vae adquirindo o nome de Roscoe Arbuckle, conhecido em todo o Brasil pelo cognome de Chico Boia, que acaba de assignar um contrato com a Paramount por tres annos, mediante o soldo de tres milhões de dollars, ou sejam doze mil contos de réis, o mesmo que ganha o celebre Carlitos. Dizem as mesmas revistas que a fama de Chico Boia ultrapassaria as de todos os outros collegas se houvesse quem se encarregasse de uma propaganda especial, intensa, efficaz, dando a conhecer as producções e creações originaes de sua fecunda comicidade.

NA ARGENTINA, monsenhor De Andréa excommungou o film "Intolerancia", de Grifith, o mesmo autor de "Corações do mundo" que o Odeon está exhibindo com successo. "Intolerancia" é desconhecido no Rio de Janeiro.

SO' AGORA está sendo annunciada em Buenos Aires, a proxima exhibição do film "O homem pelludo", pelo celebre macaco Jack, que aqui foi dada ha muito tempo, sob o titulo de "Coração de Leão".

V. EX. CRÊ EM SONHOS ?

pergunta Dorothy Dalton

V. Ex. acredita nos sonhos ? Se acredita, não se envergonhe de o dizer, diga-o bem alto como eu faço, e se lhe falta ainda um pouco de fé para crer nos sonhos, eu estou prompta a provar a V. Ex. em como os sonhos são verdadeiros, que são a imagem da vida, do mesmo modo que o somno é imagem da morte ! Eu tenho um livro, um livro de sonhos... Mas V. Ex. não vá pensar agora que seja um livro de sonhos desses que se vendem por ahi cheios de bobagens, especie de caça-nickeis dos papalvos... Não ! O meu livro de sonhos não tem egual ! E' um livro onde eu escrevo e descrevo os sonhos que vou tendo, á espera de que lhes venha a realização. Representa uma grande somma de trabalhos e cuidados da minha parte ! Está recheado, além disso, de numerosos recortes de jornaes e cartas falando de maravilhosas materializações, de illusões do Sonho.

Pelas suas paginas ha espalhadas centenas e centenas de nomes de homens e senhoras que têm previsto, nas visões da Noite, factos e coisas !

Olhe ! A mim, por exemplo, póde toda a gente chamar-me a "Sonhadora", porque não faz nada de mais... Na inconsciencia do Sonho, tenho visto todos os grandes factos da minha vida. Emquanto estava no theatro, no Leste, sonhava com a vinda, a mim, de um productor de films a offerecer-me contrato e que, em consequencia, eu me tornaria estrella de cinema !... Dentro de quatro semanas, o contrato appareceu por intermedio de Thomas Ince ! A minha viagem á California, á linda terra das rosas e das laranjas, não foi mais que a confirmação de um sonho, como o foi a compra da minha casa em Beverly Hills... E o automovel ? Quantas vezes guiei eu em sonhos um grande e elegante automovel, muito antes de comprar o que tenho ?!

Mas a que proposito venho eu a falar de sonhos e principalmente dos meus ? E' que eu entrei ha pouco em um film, sob a direcção de Thomas Ince, intitulado "The pretenders", que tem muita relação com isto tudo que eu venho dizendo por aqui a baixo... Um dia, nos ateliers, eu falei no meu album e nos meus sonhos. Estava presente o Sr. John Linck, escriftor de argumentos, que me reptou a provar-lhe a realidade dos sonhos, para elle me escrever um film com esse assumpto. Entrou em scena o meu livro, e a consequencia dos meus argumentos está ahi no "The pretenders". Trata-se, no film, de uma esposa extravagante, que, pelo desejo desenfreado de ter vestidos bonitos, quasi leva o marido á ruina. Um sonho, porém, dá-lhe a visão da catastrophe e ella cuida, dahi em deante, de remediar, de evitar o mal !

Devo notar que poucas vezes eu sonho... De amigos e conhecidos eu tenho indagado, tambem, se batem certo os sonhos delles, e com o material que tenho colhido em respostas, espero vir a escrever um livro, mais tarde. Conservo, tambem, grande cópia de noticias de jornaes, em que se narram coisas que se relacionam com o assumpto e conto, por isso, que me não será difficil fazer reaes narrativas desse phenomeno psychico, de modo a interessar nelle muito maior numero de pessoas do que as que actualmente se submettem ás inspirações dos sonhos.

Resta-me dizer que, tendo eu grande fé nos sonhos, dei o melhor, o maior do meu fervor, á interpretação do film de John Linck, onde eu represento a redempção de uma mulher extravagante.

DOROTHY DALTON

OWEN MOORE, marido de Mary Pickford, vae trabalhar para a Selznick.

EM BENEFICIO do Actor's Benefit Fund, effectuou-se ha pouco uma corrida de automoveis, na distancia de vinte e cinco milhas, cujo primeiro premio foi ganho pelo nosso conhecido Tom Mix.

O primeiro film de ALICE BRADY, para a Realart, será extrahido de "Sinners" peça theatral que ha tres annos fez formidavel successo em toda a America do Norte.

AVISOS

Afim de evitar a suspensão da remessa desta revista pedimos aos nossos assignantes que reformem immediatamente após á terminação, as suas respectivas assignaturas.